

Corpo, animalidade e um ruído: *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*,  
de Stela do Patrocínio

Louise Bastos Corrêa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Stela do Patrocínio se coloca em sua linguagem como alguém “não humano”, como se fosse um pedaço de carne passível de todos os tipos de experimentos. A sua singularidade é constantemente anulada, ou pelo menos, aquele espaço tenta silenciar a sua voz que insiste em reverberar. O silêncio não acontece e Stela consegue resistir com a sua fala, ora um pouco confusa aos nossos sentidos ora muito clara, de uma lucidez excessiva. Podemos comprovar que a própria não se coloca no mundo como uma pessoa, se enxergando como um mero objeto de pesquisa. Eles mexem e remexem o seu corpo, a sua cabeça, e a noção de pertencimento não existe. Stela se vê como alguém de fora.

Talvez por se considerar alguém “não humano”, em alguns momentos, a vaidade acentuada que tanto preocupa muitas mulheres, não é um motivo de orgulho e reflexão para Stela do Patrocínio. O ato de nascer não é um ato de escolha. A eterna negação e a sensação de estranhamento irão perdurar em todo seu discurso. O desprezo e até mesmo repulsa pela própria existência vem junto a um desejo de autoaniquilamento, ou apenas de “não ser”, como o que está presente em sua fala no seguinte fragmento:

Eu não queria me formar  
Não queria nascer  
Não queria tomar forma humana  
Carne humana e matéria humana  
Não queria saber de viver  
Não queria saber da vida

Eu não tive querer  
Nem vontade pra essas coisas  
E até hoje eu não tenho querer  
Nem vontade pra essas coisas  
(PATROCÍNIO, 2009, p.69)

Imersa na experiência existencial, a palavra de Stela do Patrocínio parece querer guardar os mínimos resquícios da cultura. A natureza primitiva – o reino dos bichos e dos animais – materializa-se em sua linguagem instintiva, em que forma e conteúdo se irmanam. Assim, em seu discurso telúrico, meio selvagem, infantil e primitivo, os temas mais caros são alimentação, sexo, maternidade, animais, instintos, natureza, como podemos observar abaixo:

Quando eu produzi, que eu pari  
Eu estava subindo a escada com uma criança  
Eu ainda era clara, branca  
Da noite pro dia eu fiquei branca  
Ou se foi do dia pra noite que eu fiquei branca  
Eu fiquei preta  
Eu sei que tomei cor  
Nos gases eu me formei  
Eu tomei cor  
Aí eu já produzi uma criança no colo  
Outra no corpo  
Sem eu saber que estava produzindo uma criança  
pequena  
De tamanho grande e de saúde  
Eu também estava com saúde  
Eu ia subir sempre a escada com as duas crianças  
E deixar no apartamento e ir embora  
Ou então tornar a descer as escadas com duas  
crianças  
Era Rio de Janeiro  
Ainda era Botafogo  
Eu me confundi comendo pão ganhando pão  
(2009, p.73)

Seu discurso apresenta a perspectiva da mulher louca, marginalizada pelo sistema psiquiátrico, microcosmo e metáfora do sistema sociopolítico. Stela do Patrocínio representa a si mesma de forma depreciativa. Em raros momentos, ela tenta mostrar uma posição socialmente privilegiada na pirâmide social, mas quando isso acontece, fica a impressão de desconfiança, já que construída com dubiedade e contradições.

A sua fala atuou como um murmúrio contínuo dentro do silêncio penoso da instituição. A tessitura autobiográfica criada pela personagem institui percepções a respeito de si que se entrelaçam ao espaço institucional. Em sua fala, a Colônia Juliano Moreira é o lugar onde a “deixaram internada”, o hospital que por vezes pode parecer sua casa, mas que não deixa de ser hospital, com suas proibições a saídas, uniformes e remédios. A loucura transcorre sua fala de forma questionadora, indócil, assumida, refutada, ou orgulhosa, mas sempre presente, a partir de diferentes olhares. E sempre questionando a ordem natural das coisas, como podemos observar abaixo:

No céu  
Me disseram que deus mora no céu  
No céu na terra em toda a parte  
Mas não sei se ele está em mim  
Ou se ele não esta  
Eu sei que estou passando mal de boca  
E passando mal da boca  
Me alimentando mal comendo mal  
Passando muita fome  
Sofrendo da cabeça

Sofrendo como doente mental  
E no presídio de mulheres  
Cumprindo a prisão perpétua  
Correndo um processo  
Sendo processada  
(2009, p. 89)

Mas é nesse reconhecimento que está a força do discurso de Stela do Patrocínio. Reconhecer-se como uma consciência que fala da margem da sociedade, do ponto de vista do ser recluso, abandonado e destituído de qualquer privilégio é o primeiro passo para fazer valer um discurso que possa ser significativo no sistema literário. E esse saber parece permear toda a sua fala, na qual a linguagem da loucura é a própria linguagem da obra.

Porém, por mais que as transformações aconteçam, e têm que acontecer, o que não deve prevalecer é o esquecimento e o silêncio em torno de tudo que ocorreu. Por isso, a importância da fala e da escrita, e do resgate que foi feito quando se ouviu as fitas de Stela do Patrocínio que foram gravadas em um tempo tão conturbado. *Reinos dos bichos e dos outros animais* é um pedido de socorro, um ruído, um “falatório”, como a mesma chama, mas acima de tudo é o resultado de uma parceria em que dizer/ouvir e escrever/ler estão intimamente ligados. No poema abaixo, que dá nome ao livro, podemos observar a construção de sua imagem que vai se transformando de elementos mortos, pesados, como “caixão”, “enterro”, “cemitério”, “cadáver”, para animais fortes ou ágeis, sendo que no meio dessa mudança, podemos notar a palavra “hospício”:

Meu nome verdadeiro é caixão enterro  
Cemitério defunto cadáver  
Esqueleto humano asilo de velhos  
Hospital de tudo quanto é doença  
Hospício  
Mundo dos bichos e dos animais  
Os animais: dinossauro camelo onça  
Tigre leão dinossauro  
Macacos girafas tartarugas  
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome<sup>1</sup>  
Jardim zoológico Quinta da Boa vista  
Um verdadeiro jardim zoológico  
Quinta da Boa vista  
(2009, p. 110)

No texto selecionado acima, podemos perceber uma crescente de ideias: antes Stela do Patrocínio se via como algo imóvel, sem vida, para no final ir ganhando vida. Até aquele que está extinto, como é o caso do dinossauro, era imponente. Talvez tudo

---

<sup>1</sup>Grifo meu.

isso seja uma maneira de resistir a tanta dor e sofrimento. Aqui a expressão “cemitério” metaforiza a condição do louco, reiterada pelo recurso do paralelismo com outros vocábulos do mesmo campo lexical: caixão, enterro, defunto, cadáver. Na loucura, o eu lírico vê-se desprezado, desamparado e alijado da vida em sociedade. Mas a alusão ao “mundo dos bichos e dos animais” também resgata a ideia da morte do humano no louco e a conseqüente passagem à condição de animalidade, na qual se ancoram algumas representações sociais.

O olhar que a sociedade dirigia para a alienada mental era, portanto, condizente com o momento histórico, assim como o olhar que hoje lançamos para esses mesmos trabalhos demonstra ser concordante com nossas concepções presentes. Nesse contexto, as pessoas com transtornos mentais foram afastadas do resto da sociedade, enquanto muitos brigavam por liberdade, os pacientes viviam verdadeiras torturas em busca da cura chegando algumas vezes a serem encarcerados, em condições precárias, sem direito a se manifestar na condução de suas vidas, talvez por isso, algumas imagens degradantes representassem a sua singularidade.

Abaixo podemos perceber em mais uma fala de Stela do Patrocínio que as imagens dos animais são extremamente importantes, como ela se identifica com casa um deles e como eles podem estar interligados, como é o caso do “cavalo” e do “cachorro”, como veremos mais adiante:

Antes era um macaco, à vontade,  
Depois passei a ser um cavalo  
Depois passei a ser um cachorro  
Depois passei a ser uma serpente  
Depois passei a ser um jacaré  
(2009, p. 106)

Como dito anteriormente, os animais são elementos simbólicos e nos remetem a outros significados. Embora o simbólico possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional, ele implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. E segundo o *Dicionário de símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, alguns animais possuem realmente um significado muito especial, como podemos observar o caso do macaco, uma ser esperto, por exemplo:

O macaco é muito conhecido por sua agilidade, seu dom de imitação, sua comicidade. Há um aspecto desconcertante na natureza do macaco, o da *consciência dissipada* (F. Schuon). Lie Tsé faz dele um animal irritável e tolo. No entanto, a agilidade do macaco encontra uma aplicação imediata na Roda da Existência tibetana, onde simboliza a consciência, porém no sentido pejorativo da palavra: pois, a consciência, do mundo sensível, pula de um

objeto a outro, como o macaco de galho em galho. Da mesma forma, o domínio do coração, sujeito à *vadiagem*, também é comparado, nos métodos búdicos de meditação, ao domínio do macaco.  
(CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, 2015, p.573)

Sendo assim, ao longo dos textos foram trabalhadas as injustiças sociais apresentando uma alternativa de terapia com base nos estilos de vida e necessidades do povo. Foram tratadas e apontadas as formas e processos de degradação mental nos manicômios bem como as formas de degradação material a que são submetidos os setores marginalizados da população fazendo a ligação dos temas loucura e pobreza.

A partir dessas concepções entendemos que na história o fator de maior peso para que uma pessoa seja excluída da sociedade e classificada como louca é perceber a baixa classe social. A relação existente entre a loucura, ou antes, entre a rotulação de loucura e a pobreza é um ato tradicional de segregação social. A loucura se sobrepõe, portanto, a outro fator de exclusão social: a pobreza. Como no caso de Stela do Patrocínio: negra e pobre.

O símbolo do cachorro, citado no mesmo poema, também tem um sentido muito particular e merece destaque. Aliás, todos os animais que Stela do Patrocínio mencionou nesse texto merece uma atenção, pois de uma maneira ou de outra, abordam questões de um submundo, algo que estamos sempre querendo esconder.

Apresenta-nos a realidade essencialmente, no caráter de fechamento destas instituições, criando-se, dessa forma, uma barreira entre interior e exterior. No interior das instituições habitam não apenas as equipes dirigentes, mas, também os internados, os prisioneiros, e alguns que optam por uma vida solitária que se internam por iniciativa própria. Como podemos observar na fala de Stela do Patrocínio, a dissociação, a fragmentação em seu discurso poderia ser um reflexo daquilo que estaria acontecendo em seu mundo interior. Em alguns momentos é como se a autora não pertencesse àquele corpo em que vive. A mesma fica se vendo de fora, de cima do seu corpo, em cima de sua cabeça.

Mais uma vez em sua fala, – que nos soa como um ruído que incomoda – é possível perceber o quão duro é estar em um espaço que cerceia qualquer tipo de liberdade e não permite que o interno possa transitar de acordo com seu desejo. Assim como alguns elementos que surgem na primeira parte do livro “Um homem chamado cavalo é meu nome”, nos dá uma pista de que alguns nomes como “Seu Nelson” e o de “Maria do Socorro” seriam personagens nessa trama hospitalar, como podemos observar:

Estar internada é ficar todo dia presa  
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo  
portão  
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão  
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no  
portão  
Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais  
(PATROCÍNIO, 2009, pag. 47)

Aos poucos aquela imagem de lugar horroroso e assombroso vai perdendo essa dimensão para se transformar em algo um pouco mais humano. Porém, o que não podemos esquecer, segue registrado, para que nunca percamos de vista os temores do passado, como podemos observar nas palavras de Stela do Patrocínio sobre os abusos que aqueles pacientes, e ela, sofreram:

Eu vim do Pronto Socorro do Rio de Janeiro  
Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e  
remédio  
E era um banho de chuveiro, uma bandeja de  
alimentação  
E viagem sem eu saber para onde ia  
Vim parar aqui nessa obra, nessa construção nova  
(2009, p.45)

O livro escolhido para ser analisado nesse artigo pode ser considerado um ruído, daqueles bem incômodos, que permanecem ali no intuito de nos tirar a aparente tranquilidade de nossas vidas. Porém, o que motiva um pesquisador, senão o prazer de investigar e caminhar por lugares poucos explorados ou mesmo nunca navegados? Sair de nossa zona de conforto para que possamos encarar o problema de frente é o intuito desse trabalho: dar voz àqueles que nunca são reconhecidos usando a palavra – seja escrita ou falada – como um mecanismo de segurança e proteção de uma singularidade, e tornar sua voz audível, em pleno movimento, também, de escuta.

Stela do Patrocínio teve uma vida que se pode considerar sofrida, ela só não esteve em total esquecimento por conta de pessoas que se dispuseram a ouvi-la, ao gravar as suas falas e mais tarde, transcrever e transformar aquelas imagens em um texto que vamos chamar de literário. Pois, mesmo com algumas interferências – não há inocência na transcrição – o foco, o objetivo central, é a fala de Stela do Patrocínio registrada em seu livro. O que uma pessoa que passou uma vida inteira internada em uma instituição como a Colônia Juliano Moreira tem a nos dizer? A mostrar ao mundo tido dos “normais”? Abaixo, podemos observar em sua breve apresentação, a princípio não tão clara, como ocorreu a sua trajetória:

Eu vim pra Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Luís, ao lado do Luís, o Luís foi ao bar, eu estava ao lado do Luís, caminhando ao lado do Luís na rua Voluntários da Pátria, caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma Coca-cola e um pão de sal com salsicha, ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim, aí ele tomou, quando ele acabou nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, a na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos no chão, aí veio, aí veio uma velhinha, na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim parar de ficar chorando, aí veio uma dona me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”,... ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha, e Luís não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi, porque eu fiquei, de repente, de repente, eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Luís, o Luís é meu amigo, aí me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital.  
(2009, p. 40-41)

Nas palavras de Stela do Patrocínio, podemos perceber que, ao longo do livro, os textos reunidos puderam apresentar alguns fatos confusos, e não foi possível saber com clareza o que realmente aconteceu ou mesmo como procedeu a sua internação, os reais motivos que a fizeram parar na Colônia até o final de sua vida. Muitas vidas eram soterradas naquele espaço de confinamento, de esquecimento, sem que houvesse qualquer motivo para aquilo. E nunca poderemos esquecer tal fato, pelo menos não devemos fazer.

## BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT. (2015). *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.

GOFFMAN, Irving.(2008).*Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, 4ª. edição. Rio de Janeiro: LTC.

\_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões e conventos*, 8ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PAGOT, Angela Maria. (2012). *O louco, a rua, a comunidade: as relações da cidade com a loucura em situação de rua*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

PATROCÍNIO, Stela do. (2009). *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

PLAZA, Monique. (1989). *A escrita e a loucura*. Coleção margens. Lisboa: editorial Stampa.

PORTOCARRERO, Vera. (2002). *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.